

Bordados, meu filho!¹

Yvisson Gomes dos Santos *

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (2021). Professor de Filosofia do Secretaria de Estado de Educação de Alagoas. Tem experiência na área da Filosofia e Educação, bem como na área da Psicanálise.

 <https://orcid.org/0000-0002-8798-123X>

Recebido em 07 mai. 2024. **Aprovado** em: 22 fev. 2025.

Como citar esta produção artística:

SANTOS, Yvisson Gomes dos. Bordados, Meu filho!. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 14, n. 1, e-2411, abr. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.17809568

Na agulha havia uma linha que costurava suas ideias, muitas delas, ideias de uma mulher sem destino que se lamentava cosendo. Seu marido foi-se à guerra; seu filho havia morrido andando a cavalo; seu destino era morrer. Não se contentava com essa certeza, mas estava só e em casa. Morava num sobrado cor de musgo, porém com eira e beira. Um instante, era privilegiada, num instante ela costurava.

Na verdade, utilizava-se do bastidor, do tecido, da agulha e da linha. Queria ter instinto para sobreviver, mas sem razão sua vida somente se resumia na costura densa, e seus pés descalços não temia a friagem.

Uma casa grande, sem ninguém e somente eu? Onde poderei colocar meus outros carreteis de linha? Meus cabelos são grisalhos e presos no formato de um coque faustoso - herança de minha ascendência.

Vestida com fineza, mas triste. Vestida com uma cor aguda de marrom e uma echarpe azul escura. Decidiu. Vou-me embora daqui. Mas e essa costura? Preciso terminar um enxoval para mim mesma. Um novo casamento deverá acontecer. Mas sou uma senhora de cabelos

¹ Seção inaugural.

*

 yvissongomes@hotmail.com

grisalhos. Apenas com um anel, um café, uma cama, uma sala, uma redoma, um desespero, um ciúme, um crime, um asco faminto... chega! Preciso ir.

Saiu de seu sobrado, quase virgem, e tomou rumo à cidade. Em momentos esparsos, encontrou o padre, viu Deus, o Bispo, uma criança chorando, um momento tropeçou dentro de si mesma... tomou a decisão: irei aonde as mulheres são mulheres. Sou apenas uma senhora bem-vestida e irmã de minha Maria – a Santa Virgem e Imaculada.

Agora vinha a seriedade dentro daquele coração intempestivo. Irei me casar com alguém. Irei ao bordel perto de um rio de nome estranho. Só tem piabas e um jacaré asqueroso. Nunca o vi. Dizem que ele mora naquele rio. As piabas são peixinhos para se brincar quando se deseja. São tantos esses meus desejos. Vou ao bordel de nome *Diamante*, mas se quiser retroceder? Sonatas aos luars que sou, defeituosa de alma, terminarei o bordado?

Chegou ao rio, viu o bordel, não viu o jacaré, pensou nas piabas feito pedaços de organzas, olhou para o momento do dia, saiu sozinha..., mas sou sozinha: marido morto, filho morto, casa requentada feito café frio e eu aqui.

Bateu à porta do lugar-destino. Tremeu as mãos, os pés pareciam inchados, a mente encharcada de ciúmes do filho morto. Baixou-se como se rezasse, ninguém veio atendê-la. Deve ter batido sem vontade, talvez esse fosse seu destino: falta de vontade. Cuspiu no assoalho do lugar nefasto, o Papa iria lhe excomungar...

Deu meia volta, chegou em sua casa, viu seu alpendre... continuou a coser... infelicidade de não ter ido até o fim. Poderia ser esse o meu destino... uma promessa... um sinal... uma vidência...tomou um vinho, pouco, pouquíssimo. Restava-lhe uma garrafa quase cheia. Sorria meio ébria, seu costurado já não fazia sentido, tudo era repuxado: a linha e a agulha lhe faziam cócegas...

Como uma mulher viúva, tomou mais um cálice de vinho seco, aceitou um banho e disse a si mesma: amanhã a festa acontecerá naquela quermesse do cônego Alípio... verei minhas irmãs, não serei uma mulher como as mulheres deveriam ser... meretrizes... entrarei na festa com sorriso frouxo e rezarei no andor, entregarei o manto da Santa, farei penitência, tomarei um suco de cajá, comerei do bolo da quermesse e serei, apenas serei: viúva. Deixe, esse é meu destino – e voltou a costurar mesmo ébria e tomada a banho. Mas queria escrever sobre a alma de seu filho, antes de terminar um ponto e uma cruz. Ele era assim (simbiose textual):

Um ônibus e meu coração, juntos!²

Dentro desse ônibus, estou do lado esquerdo. Não vejo pessoas próximas a mim: eu fico mais quieto. Não posso mostrar uma certa decepção quando olho lá fora e o mundo passando através da janela do ônibus – dando-me seu frescor matinal e ameno –, dizem-me ruídos.

Saio às 5h da manhã, alguma coisa me toma como uma canção de Lupicínio Rodrigues. Aquelas que falam sobre as mulheres da vida de um compositor esbanjador. Assim sou, talvez, ou um pouco a mais: esbanjador de amores cometidos em intensidades profundas, esmiuçando toda a desordem que possuo nas vísceras. Nada restou do farfalhar, de ontem, das conversas ao telefone. Havia máscaras linguísticas, ondas de sonoridades rumorosas e ações estranhas para os amantes. Eu era um desses amantes, o mais cobiçado e temido dos amantes.

Ela me sobrecarregava com ilações encafifas sobre seu mundo rezado, mas também tinha uma alma quase incolor. Ou seja, dava-se para vê-la sem espremer os olhos. Mesmo estrábico, enxergava o arame em que estava envolto: uma fabulação semântica de um mundo nômade em tessituras, mas fascinante ao telefone.

Olhava como Tirésias. Olhos cuidadosos. Assim como minha mãe – numa volúpia incestuosa –, brincávamos de ser namorados. Ah! sem o assento louvável desse ônibus que teima em minar minhas ideias e sensações. Sem um acolchoado gostoso é desnecessário prosseguir a escrita (*pausa*).

Ansiado, desceu no ponto do ônibus (*retorno ao texto*). Quase cai. Uma leve torção no pé esquerdo. Descobri ser canhoto com esse pé. Desenho melhor garatujas com o pé, e ao escrever, manobro o talhar das ideias desde ontem. Escrevo desde ontem esse retalho. Poderia chamar de atalho para não enlouquecer sobre o amor circuncisado.

Como uma canção de ninar, alguma coisa se misturava em um ruído audacioso dentro de mim. O amor era retalhado naquele mesmo lugar, de uma rua localizável, de um ambiente quase litúrgico das 5h45m de uma manhã silenciada e eu, ruído.

Jamais ame primeiro, jamais! Tome seu espaço quando o terreno estiver *adubado*, sereno e colocado em si mesmo como prova de aceitação à terra dos corações amados. Chegar próximo

^{2 2} Seção final.

ao meu trabalho foi a conclusão que temia, mesmo escrevendo desde ontem, afirmo dizer: uma árvore *adubada* poderá dar bons frutos. Ser potência apenas no futuro, e em ato, apenas semente vertiginosa.

O amor tem dessas coisas estranhas feito árvores eloquentes. Sombras que se tornam luz. Sombras na terra escura, e claridade quando os primeiros sinais de vida da planta se lançam da superfície para o etéreo, feito semente.

Eu era uma semente amada por minha mãe que cosia seu destino em um bastidor de madeira com linha e agulhas importunas – uma árvore ressequida seria meu destino.